

A PESQUISA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: O GTD *MULHERES NA HISTÓRIA* E O NEPSO

THE RESEARCH IN BASIC EDUCATION: THE GTD WOMEN IN HISTORY AND NEPSO

Eulálio Marques Borges¹

Daniela Borges Ferreira²

Adriane Aparecida dos Santos³

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de relatar a experiência de uma professora em formação inicial em torno de um trabalho desenvolvido junto a estudantes que cursam o Terceiro Ciclo de Formação Humana no Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais (CP/UFMG), durante o segundo semestre de 2024, em uma disciplina que compõe a parte diversificada do currículo dessa instituição. O Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD) de nome *Mulheres na História* é uma continuação da disciplina ofertada no primeiro semestre de 2024, que tratou da discussão e estudo da vida de mulheres importantes para o Brasil e para o mundo. Utilizando a metodologia Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (NEPSO), no segundo semestre, uma pesquisa foi realizada na UFMG, com estudantes e trabalhadores. Baseada nos saberes da docência e na ideia da aula de História como um espaço para aprendizagens significativas (SEFFNER, 2010), bem como na premissa do perigo de uma história única (ADICHIE, 2019) a pesquisa teve o intuito de saber o quanto mulheres importantes da nossa sociedade são conhecidas e estudadas. Os resultados foram apresentados em um seminário organizado pela equipe do NEPSO e, ao final da disciplina, os estudantes produziram um livreto digital sobre a temática.

Palavras-chave: Mulheres; Pesquisa; NEPSO; Sala de aula; Educação.

ABSTRACT: This article aims to report the experience of a pre-service teacher in a project developed with students enrolled in the Third Cycle of Human Formation at Centro Pedagógico of Federal University of Minas Gerais (CP/UFMG) during the second semester of 2024. The project took place in a subject that is part of the institution's diversified curriculum. The Differentiated Work Group (GTD) titled *Women in History* is a continuation of a course offered in the first semestre of 2024, which focused on discussing and studying the lives of women who were significant to Brazil and the world. Using the Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (NEPSO) methodology, research was conducted in the second semester at the UFMG with students and workers. Based on teaching knowledge and the concept of the History class as a space for meaningful learning (SEFFNER, 2010), as well as the premise of the danger of a single story (ADICHIE, 2019), the research aimed to assess how well-known and studied important women in our society are. The results were presented at a seminar organized by the NEPSO team, and at the end of the course, students produced a digital booklet about the theme.

Keywords: Women; Research; NEPSO; Classroom; Education.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais (CP/UFMG) é uma escola de ensino fundamental que recebe estudantes do 1º ano ao 9º ano. Fundada

¹ Mestre em Letras pela UFMG. Professor do Núcleo de Línguas Estrangeiras do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais (CP/UFMG). E-mail: eulaliomarques@hotmail.com

² Graduanda em História pela UFMG. E-mail: db41529@gmail.com

³ Mestre em Geografia pela UFMG. E-mail: adrianegeo75@gmail.com

em 1954, a instituição, na condição de Escola de Aplicação, é um local que serve: como base de pesquisa da prática pedagógica para a produção de conhecimento em ensino, pesquisa e extensão; e como campo de estágio obrigatório para cursos de graduação. O CP/UFGM se organiza em três Ciclos de Formação Humana: Primeiro Ciclo (1º ao 3º ano), Segundo Ciclo (4º ao 6º ano) e Terceiro Ciclo (7º ao 9º ano), funcionando em período integral, durante sete horas por dia, com quatro aulas de oitenta minutos, dois intervalos de vinte minutos e uma hora de almoço. Ademais, o ingresso na instituição é feito por meio de sorteio, sendo admitidos, ao ano, cinquenta alunos divididos em dois grupos de vinte e cinco cada, no intuito de evitar o favorecimento de determinadas camadas sociais e promover um ambiente escolar mais democrático, inclusivo e heterogêneo.

Na esteira da experiencição de práticas pedagógicas, o CP/UFGM conta com o Programa Imersão Docente (PID), em que discentes das mais diversas graduações da UFGM, sob a orientação de um docente da escola — sendo este de sua área de estudo ou não —, têm a oportunidade de estar em sala de aula como monitores de uma turma específica, acompanhando a rotina dos estudantes e auxiliando nas dinâmicas propostas por cada professor. Além disso, no PID, os graduandos ministram a disciplina Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD), que faz parte do currículo diversificado da escola. O GTD funciona como uma matéria optativa em que as crianças e os adolescentes, três vezes por semana, participam de aulas ofertadas por docentes e, majoritariamente, monitores, os quais conduzem disciplinas de variadas temáticas para um grupo reduzido de alunos de diferentes anos escolares de um mesmo Ciclo, sendo que as escolhas do GTD são feitas no início do semestre.

Dito isso, no segundo semestre de 2024, foi ministrado, por uma licencianda de História, o segundo módulo do GTD *Mulheres na História*, co-orientado por um docente de Espanhol em conjunto com outra de Geografia. Esta proposta surgiu a partir de uma experiência anterior, no primeiro semestre de 2024, quando foi ofertado o primeiro módulo desse mesmo GTD para estudantes do Terceiro Ciclo. O intuito dessa primeira oferta foi fazer os discentes compreenderem a relevância de figuras femininas como Dandara dos Palmares, Maria Quitéria, Marie Curie, Zuzu Angel, Conceição Evaristo e Frida Kahlo, entre outras, para a história local, nacional e mundial em diferentes períodos e áreas de atuação. Esse momento inicial caracterizou-se por trazer, ao alunado, tais histórias de modo dialógico e expositivo, resultando em uma mostra, ao final do curso, em que foi possível, a partir de textos escritos e pinturas/desenhos feitos pelos próprios alunos, mostrar à comunidade escolar o que haviam aprendido. A partir do interesse, interação e bons resultados obtidos com essa experiência, optamos por ofertar um segundo módulo, com uma metodologia diferente, para o mesmo corpo discente. Desse modo, surgiu uma combinação entre o GTD *Mulheres na História* e a metodologia Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (NEPSO), pela qual procuramos saber, por meio de um questionário produzido pelos nossos estudantes, o que a comunidade acadêmica da UFGM sabe a respeito de mulheres importantes para o mundo.

O NEPSO é uma iniciativa do Instituto Paulo Montenegro, uma entidade sem fins lucrativos fundada em 2000 e criada por influência do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), que trabalhava com a pesquisa de opinião para auxiliar nas estratégias de marketing de seus clientes. Baseando-se nisso, o Instituto Paulo

Montenegro tem o objetivo de desenvolver e disseminar novas práticas educacionais, promovendo uma renovação na educação do país. O NEPSO, por sua vez, é uma metodologia utilizada nas escolas para inovar o ensino e pensar em novas formas de trabalhar diversos conteúdos, promovendo a autonomia dos estudantes ao realizar a pesquisa por meio de um dinamismo maior da aprendizagem. Desenvolvida por um sistema matemático, como a contagem de dados, porcentagens das respostas e resultados numéricos, esse método é principalmente utilizado por professores que lecionam disciplinas das áreas de exatas. Entretanto, docentes de várias áreas do conhecimento utilizam o NEPSO como forma de dinamizar o ensino-aprendizagem nas escolas e trabalhar temas um tanto polêmicos, como a descriminalização do aborto ou a legalização da maconha.

Ademais, todos os anos, a comissão organizadora do NEPSO promove um seminário regional em que as turmas de cada estado, cujas pesquisas seguiram seu modelo de orientação, trazem seus resultados em uma apresentação quantitativa, com gráficos e tabelas. Assistir às apresentações de outros colégios nos ajuda a perceber a infinidade de temas pertinentes para os debates sociais da nossa comunidade e que muitas vezes não têm espaço no currículo da escola. Em relação a nossa pesquisa, como veremos com mais detalhes adiante, trabalhar o (não) reconhecimento de figuras femininas importantes para a sociedade em diferentes áreas e épocas se mostrou muito necessário para que pudéssemos observar como a obliteração do protagonismo feminino nos processos históricos atinge, como um todo, a comunidade universitária em que nossos estudantes estão inseridos. Pensando nisso, além de apresentarmos no seminário, com os gráficos e resultados da pesquisa, concluímos que uma forma de levar o conhecimento a respeito dessas mulheres para a comunidade seria a produção de um livreto em formato digital, uma alternativa para disseminar nossa pesquisa, ampliar o público que precisa conhecer tantas figuras femininas que construíram e constroem a nossa sociedade, mas que até então não gozam da devida visibilidade.

Para além da motivação demonstrada pelos estudantes quando da oferta do primeiro módulo do GTD *Mulheres na História*, podemos afirmar que outros motivos que nos levaram a dar continuidade à disciplina foram: a observação da monitora que o idealizou, quem desde o ensino fundamental e médio percebeu uma lacuna na forma como a matéria de História era abordada, uma vez que os homens sempre apareciam (ou aparecem) como protagonistas de invenções, processos e revoluções, fazendo-a se questionar onde as mulheres estavam nesses momentos, quais papéis desempenhavam na sociedade e por que eram tão frequentemente ignoradas ou, até mesmo, apagadas; a sua percepção, em seu acompanhamento de turma, de falas e atitudes machistas e misóginas entre o corpo discente, o que reflete, entre outras coisas, um desconhecimento sobre a relevância do papel feminino na história mundial; e o seu entendimento, durante sua graduação em História, do espaço reduzido que esse tema ocupa no currículo escolar, o que se pode verificar na atual BNCC (BRASIL, 2018), uma vez que, nos conteúdos e competências a serem trabalhados na disciplina História para os anos finais do ensino fundamental, a menção às mulheres não consta a partir de um viés em que seu protagonismo seja destacado.

Dessa maneira, a oferta do GTD *Mulheres na História* justificou-se por apresentar uma proposta pedagógica cujo objetivo primeiro foi seguir mitigando a defasagem existente, tanto a nível legal quanto a nível prático, no currículo da disciplina de História do ensino básico, no que tange à invisibilidade dada às figuras femininas que fazem e fizeram parte de variados momentos históricos. Em segundo lugar, essa disciplina optativa encontrou justificativa em sua proposição de não apenas discutir, com seus estudantes, acerca do apagamento histórico feminino, oferecendo-lhes uma educação mais crítica e menos preconceituosa, mas também por propor uma metodologia diferenciada, ativa e baseada no NEPSO, que deu ao alunado um protagonismo em todo o processo.

Portanto, o objetivo deste artigo é descrever a experiência da professora em formação inicial, em torno do GTD por ela oferecido a discentes do Terceiro Ciclo, refletindo, a partir de então, acerca da contribuição dessa experiência para sua prática profissional e, principalmente, para seus alunos. Também, objetiva-se analisar parcialmente os dados obtidos através do questionário feito e aplicado por nossos estudantes. O GTD *Mulheres na História* foi ofertado a dois grupos compostos por estudantes dos 7º, 8º e 9º anos, em aulas de oitenta minutos às segundas e quintas-feiras, sendo que na primeira agrupação havia, de início, sete estudantes e, na segunda, oito. Para sua realização, tomou-se como base a importância do saber docente e na ideia da aula de História no valor de espaço promotor de aprendizagens significativas (SEFFNER, 2010), na atual BNCC (BRASIL, 2018), no conceito de perigo de uma história única (ADICHIE, 2019) e, como colocado anteriormente, a metodologia NEPSO.

REFERENCIAL TEÓRICO

A importância dos saberes da docência na formação inicial de professores

Sabemos que o ofício docente é desafiador e as disciplinas teóricas de ensino e didática, infelizmente, por si só, não nos preparam para ocupar esse lugar. Para além do domínio do conteúdo a ser lecionado, o cotidiano em uma classe com crianças e/ou adolescentes nos convoca a lidar com diferentes situações que sempre terão suas especificidades uma vez que são ambientes feitos por e para pessoas e, desse modo, repletos de subjetividades, o que dificulta o alcance esperado das teorias em nossa formação, seja ela inicial ou continuada. Algumas das questões vivenciadas por todos os professores do ensino fundamental e médio, em maior ou menor medida, são os conflitos estudantis, as questões familiares que incidem no desempenho discente, os problemas de estrutura institucional, prejudiciais para o desenvolvimento das propostas pedagógicas, o uso excessivo de celulares, tablets e telas em geral, com ou sem internet, por parte do alunado, para fins sem relação às temáticas tratadas nas aulas e, também, a reprodução de falas e atitudes preconceituosas direcionadas às minorias de poder, como negros, indígenas, LGBT+ e mulheres.

Na esteira de tais pensamentos, Seffner (2010) nos traz o que considera os três elementos fundamentais em uma aula de História, mas que podem ser colocados, também, para outras disciplinas: os saberes da disciplina, os saberes da docência e os

imprevistos. O primeiro se refere aos conteúdos em si, nesse caso às histórias dos continentes, às guerras revoluções, às teorias históricas, aos conceitos como o de tempo, espaço, nação, documento, memória, entre outros. O segundo, por sua vez, diz respeito, por exemplo: à prática em sala de aula; à forma de gerir um grupo discente e mantê-lo atento; ao entendimento dos pontos de maior interesse da turma, dentro da matéria estudada; às metodologias e estratégias avaliativas adotadas; aos estratégias no gerenciamento de conflitos e violências dentro da sala de aula; e ao modo de dialogar com familiares e/ou responsáveis. Por fim, o último versa sobre aquilo que comumente acontece em sala de aula, como as perguntas ou situações inesperadas, mas com as quais poucos docentes lidam de modo a aproveitá-las em prol do conteúdo abordado, ou de outras questões que, apesar de distantes da disciplina estudada no momento, são caras àqueles estudantes.

Pode-se observar que, apesar das leituras, das palestras assistidas ou de quaisquer suportes conceituais oferecidos durante nossa formação, o fazer docente, em virtude das especificidades inerentes à sala de aula e às características de cada profissional, não se configura enquanto um ofício técnico ou capaz de ser desenvolvido por meio de teorias ou métodos genéricos. A respeito disso, Seffner afirma que esse fazer exige, por parte de cada um de nós, professores, uma reflexão contínua para que possamos constituir, ao longo de nossas vidas profissionais, um estilo próprio capaz de incorporar nossas características pessoais e valores pedagógicos, encaminhando-nos contra a homogeneização de função, a qual vem ocorrendo devido à pouca reflexão de nossas trajetórias profissionais, pelo uso constante de livros didáticos, manuais, cadernos de exercícios e diretrizes produzidos por grandes grupos empresariais, bem como pelos exames nacionais unificados, entre outras coisas. Ou seja, a docência precisa ser singular para cada professor, que precisa desenvolver um jeito próprio de lecionar, o qual lhe exigirá não somente o domínio do conteúdo em si, como também atenção às questões de cada turma, de estudantes específicos e aos contextos políticos e sociais que os envolvem enquanto coletivo e indivíduos.

Por outro lado, o professor em formação inicial, como é o caso dos bolsistas do PID, transita no que podemos considerar um entre-lugar de aluno e docente, de ver e atuar, de aprender e ensinar, a partir do qual se constrói, em grande medida, o saber de sua futura profissão. Ocupar essa posição torna a experiência do monitor enriquecedora, haja vista que as leituras teóricas realizadas e as orientações semanais com o orientador — no intuito de compreender e direcionar as questões referentes ao grupo de estudantes que o licenciando acompanha e melhorar a condução de seu GTD —, em conjunto com o contato direto e constante com diferentes professores da escola nos momentos de acompanhamento da turma e a experiência em sala de aula na oferta de sua disciplina optativa, colaboram ao momento de construir um estilo próprio de ser professor.

Este lugar único de observação, discussão e ação auxiliou na formação de um modo de ser de uma vindoura professora de História, quem, ao se atentar às diferentes aulas e dinâmicas de seus alunos do ensino fundamental, refletiu acerca da prática docente que queria para si mesma, concluindo a necessidade e urgência da oferta de uma disciplina optativa voltada para uma pesquisa de campo sobre o (não) reconhecimento da comunidade acadêmica da UFMG a respeito das mulheres que foram e são importantes

na história do Brasil e do mundo. Como afirmado anteriormente, o objetivo do segundo módulo do GTD *Mulheres na História* foi combinar a proposta iniciada em sua primeira oferta com a metodologia NEPSO, oportunizando não somente a continuidade da mitigação existente no currículo de História do ensino básico, mas oferecendo, também, uma educação mais crítica, menos preconceituosa e em que nossos estudantes são os protagonistas ativos de suas aulas.

Por um ensino de história crítico, amplo e significativo

Ainda segundo Seffner (2010), podemos considerar que o objetivo de uma aula de História é a produção de saberes de natureza histórica que se fundamentam e sirvam para que os estudantes, através de aproximações e exercícios reflexivos, entendam e questionem o entorno político-social em que vivem e os valores existentes na sociedade em benefício de um aprendizado significativo capaz de proporcionar uma compreensão crítica, ampla e multirreferencial do mundo que os rodeia. Contudo, não consta, entre os objetivos de uma aula de História, e nas afirmações do próprio Seffner (2010, p.214), “[...] a formação de historiadores em miniatura [...]”, cabendo, então, ao professor, a compreensão da realidade de seus discentes e a seleção dos conteúdos e das atividades a serem feitas. Destarte, para além dos conteúdos dos livros didáticos e do currículo oficial, o docente pode ser entendido enquanto a ponte entre estudantes e assunto estudado, cabendo-lhe, nesse lugar, lapidar e redirecionar os conhecimentos prévios e as inquietações que estão presentes na rotina estudantil e que, no palco da sala de aula, se expressam e se entendem à medida que a discussão é realizada.

Assim, poderíamos depreender que um estudo crítico do papel protagonístico feminino em diferentes momentos e lugares da história mundial comporia os currículos e as discussões em sala de aula de História do ensino básico. Entretanto, como já posto anteriormente, o que se observa nas escolas — dado, por exemplo, o pouco tempo ocupado pela disciplina de História na grade curricular nacional — e em nossos documentos oficiais — devido, talvez, a um desconhecimento histórico abrangente, mas provavelmente, também, a um desinteresse político e científico — é a desconsideração do importante espaço preenchido por diferentes figuras femininas em eventos históricos nacionais e internacionais.

Ao analisarmos o documento da BNCC (BRASIL, 2018) para os anos finais do ensino fundamental, não consta nenhuma menção ao estudo e compreensão crítica a respeito da participação das mulheres em História do Brasil e História Geral. Nele, mulheres são citadas em apenas três contextos, a saber: a diferença da repercussão da mídia a respeito dos esportes praticados por homens e mulheres; as análises dos papéis desempenhados por mulheres no mundo antigo; e as questões relacionadas à violência contra a população considerada minoritária no Brasil. Acreditamos que, por mais importantes que esses pontos de discussão sejam, eles demonstram um espaço mínimo de debate e reflexão, em nosso currículo, a respeito do lugar social, histórico e cultural ocupado pela mulher, um apagamento de seu protagonismo ao longo da história mundial e a apresentação da figura feminina na condição única de vítima, seja dos meios de comunicação ou de diferentes sociedades.

Se nosso intuito é o de desenvolver no alunado uma aprendizagem significativa, crítica e ampla (SEFFNER, 2010), direcionando-nos contrários às inúmeras limitações contidas na BNCC (BRASIL, 2018), isso significa que devemos expandir o olhar discente e oferecer a eles a possibilidade de aprender e discutir acerca de mulheres importantes em períodos, locais e acontecimentos que, originalmente, aprendemos terem sido protagonizados apenas por figuras masculinas. Essa perspectiva de trabalho nos leva, então, a rejeitar a história contada unicamente sobre, por e para homens, ou, em outras palavras, a história única (ADICHIE, 2019) a nós ensinada e da qual falaremos a partir de agora.

O perigo da história contada unicamente por, para e sobre homens

A filósofa Chimamanda Ngozi Adichie, em sua fala de 2009, mais tarde publicada como livro, contribui para algumas reflexões a partir de relatos singulares acerca de sua infância, juventude e vida adulta. A partir deles, a escritora nigeriana deixa exposta a visão reduitiva que tinha sobre um empregado de sua casa na Nigéria, a quem não conseguia enxergar para além de um garoto pobre; rememora os sutis preconceitos por ela sofridos quando de sua mudança para os Estados Unidos, onde conviveu com uma colega de quarto que supôs, logo após conhecê-la, sua incapacidade em utilizar um fogão ou falar fluentemente o inglês; e comenta sobre uma viagem a Guadalajara, México, momento em que conseguiu se dar conta de suas próprias visões estereotipadas e preconceituosas dos mexicanos, que eram alimentadas pelos noticiários estadunidenses que abordavam a imigração na fronteira entre os dois países, entre outras memórias partilhadas. Buscando um ponto comum entre suas vivências, Adichie (2019) afirma que todas elas nos evidenciam o que ela chama de o perigo de uma história única.

Segundo a autora, a história única é a ação de demonstrar, sem interrupções, um povo enquanto apenas uma coisa. Destarte, criam-se estereótipos, conceitos não necessariamente mentirosos, porém incompletos e redutivos, acerca de determinada comunidade. Um clássico exemplo dado por Adichie é a forma como globalmente enxergamos o “país” África no valor de um lugar cheio de animais exóticos e paisagens impactantes, mas ao mesmo tempo habitado por pessoas de línguas que não compreendemos, sem a capacidade de falar por si mesmas, que travam guerras sem sentido e morrem pela inanição e AIDS enquanto esperam eternamente a chegada de um homem branco, bondoso e que irá salvá-las. Tal história contada ininterruptamente a respeito de um continente tão rico e heterogêneo como todos os outros se tornou, com o passar dos anos, para muitos de nós, a única versão possível e aceitável dos acontecimentos históricos, sociais, políticos e culturais desse território. O problema, como aponta Adichie, é que a história única rouba a dignidade humana, tornando difícil o reconhecimento de nossa humanidade comum e enfatizando somente as diferenças existentes entre nós, ao invés das semelhanças.

Ainda de acordo com Adichie, a conceptualização de história única se relaciona, assim como o mundo político e econômico, com a ideia de poder, resultando impossível falar do primeiro sem sequer pensar no segundo. A filósofa retoma, por meio desse pensamento, o vocábulo *nkali*, que em *igbo* “[...] quer dizer “ser maior do que outro””

(ADICHIE, 2019, p.23) e, em seu ponto de vista, pode definir o contar das histórias, haja vista que o poder não está apenas na habilidade de narrar algo a alguém, mas também de fazer com que essa narração seja uma história definitiva. Em outras palavras, a escritora e nigeriana nos impele a uma reflexão sobre as histórias que nos são contadas, quando nos são narradas, quantas vezes nos são repetidas e, principalmente, acerca de quem as conta, pois o narrador pode ocultar ou modificar fatos com potencial decisivos sobre um momento histórico específico, influenciando na formação de opinião de sujeitos ou de toda uma comunidade. Quando a história nos é contada apenas pelo lado política e economicamente mais forte, ou pela parcela mais favorecida da sociedade, ela se torna propositalmente enviesada e distorcida a fim de prestigiar aqueles que a contam ou seus semelhantes. Contudo:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. Quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso (ADICHIE, 2019, p.32).

Na esteira de tais pensamentos, podemos afirmar que se faz necessário e urgente discutir, questionar, pesquisar e tornar de conhecimento público os outros lados das narrativas várias da história local, nacional e mundial, colocando-nos contrários à história única vendida nos diversos livros (didáticos), nos meios de comunicação, em documentos oficiais, entre outros. Estabelecendo um paralelo entre as reflexões de Adichie e a proposta do segundo módulo do GTD *Mulheres na História*, podemos pensar que não somente o continente africano merece e precisa ter suas histórias contadas por diferentes pessoas, a partir de perspectivas variadas, como também a história que conhecemos do mundo, narrada e protagonizada constantemente por, para e sobre homens, precisa ser revisada a partir de um olhar que se direciona ao importante papel exercido pelas mulheres nos mais distintos eventos e contextos.

Dessa forma, para o desenvolvimento deste GTD, estivemos atentos ao saber docente pautado em um cuidado com o entorno escolar e às questões das turmas e dos estudantes, os quais são, como colocado anteriormente, reprodutores, de falas e ações machistas e misóginas. Também, nos pautamos em uma reflexão contínua acerca da profissão em defesa de um estilo próprio e não homogeneizante de trabalho, sendo possível, assim, promover um aprendizado com sentido, amplo e crítico (SEFFNER, 2010), rompendo com a história única (ADICHIE, 2019) eurocêntrica, masculina e branca que vem, há séculos, obscurecendo de suas linhas importantes figuras femininas. Dito isso, a partir da próxima seção detalharemos a condução do segundo módulo do GTD *Mulheres na História*, considerando as teorias aqui elucidadas, destacando o protagonismo de nossos estudantes e analisando parte dos dados obtidos na pesquisa de campo.

O GTD *MULHERES NA HISTÓRIA* E A METODOLOGIA NEPSO: COMO SE DEU?

Como colocado anteriormente, o segundo módulo do GTD *Mulheres na História* foi oferecido a dois grupos compostos por estudantes dos 7º, 8º e 9º anos, em aulas de oitenta minutos, às segundas e quintas-feiras, sendo que na primeira agrupação havia, de início, sete estudantes e, na segunda, oito. Tais agrupações estavam compostas por aqueles que, após o primeiro semestre, desejavam dar sequência em seus estudos dentro da disciplina. Na **primeira semana**, apresentamos a nova proposta do GTD, a qual foi bem recebida pelos discentes, que se mostraram empolgados com um jeito distinto de discutir sobre as figuras femininas importantes para a história. Logo depois, fizemos uma roda de conversa que se desenvolveu, com cada grupo, de maneira diferente. Se com os alunos de segunda-feira, em sua maioria meninas, falou-se a respeito das vivências comuns experienciadas pelas mulheres⁴, com os de quinta-feira aprofundou-se o olhar para as lutas que as mulheres, como minorias, precisam travar para conseguir, por exemplo, realizar seus estudos universitários, ingressar no mundo científico, nos esportes e nas artes. Ao longo de ambas as discussões, dicas de filmes e biografias sobre figuras femininas famosas foram surgindo⁵ e decidimos, então, exibir a obra *Estrelas Além do Tempo* (2016). Ainda que a exibição desse filme não estivesse no planejamento inicial, concluímos que essa seria uma forma interessante de fazer com que os estudantes “entrassem no clima” de nossa pesquisa.⁶

O longa-metragem exibido nas **segunda e terceira semanas** conta a história, baseada em fatos reais, de três cientistas negras — Dorothy Vaughn, Katherine Johnson e Mary Jackson — que trabalharam na NASA durante a corrida espacial da década de 1960. A experiência das personagens retrata duas formas de preconceito que, infelizmente, acompanham muitas mulheres negras durante toda a sua vida: o racismo e o sexismo. No entanto, a discriminação por elas sofrida foi rebatida ao longo do filme pela inteligência das protagonistas. Após a exibição, os estudantes formaram duplas para responder a perguntas que nos direcionaram, na **quarta semana** de aula, a um debate sobre as injustiças enfrentadas por Vaughn, Johnson e Jackson. A partir disso foi possível realizar um paralelo com o dia a dia de mulheres que, ainda hoje, sofrem com desigualdade salarial, dupla jornada de trabalho para sustento da casa e dos filhos e baixa escolaridade. Também analisamos, brevemente, o contexto atual de pesquisadoras no âmbito da UFMG e do CP/UFMG, observando o quadro de professores da unidade e fazendo um levantamento do quantitativo de homens, mulheres, brancos e negros, destacando o que mudou da década de 1960 para os dias atuais em relação especialmente aos direitos femininos.

Tais discussões serviram de base não somente para “entrar no clima” da disciplina, mas para retomar, em certa medida, aquilo que havia sido discutido no primeiro módulo do GTD *Mulheres na História*. Em seguida, na **quinta semana** de aula, propusemos aos

⁴ Discutiu-se sobre algumas exigências da sociedade sobre como as mulheres devem se comportar, que roupas devem vestir, o tom de voz em que podem falar, entre outras.

⁵ Os estudantes citaram mulheres famosas como a pintora mexicana Frida Kahlo, a atriz estadunidense Viola Davis e o longa-metragem inspirado na história da cientista polonesa Marie Curie.

⁶ A opção pela exibição do filme mostra, uma vez mais, uma atenção às demandas e interesses discentes, algo fundamental na condução das aulas.

alunos que iniciassem a produção coletiva do questionário a ser aplicado com os adultos que trabalham e/ou estudam na UFMG. Para tanto, eles se reuniram em pequenos grupos de dois ou três estudantes para pesquisarem e escolherem três mulheres representativas das categorias pré-estabelecidas pela monitora e orientadores — Política, Esporte, Ciência, Arte/Literatura, Direitos Humanos e Preservação Ambiental —. Tais figuras femininas, como veremos adiante, se transformaram em opções para perguntas do nosso questionário. Importante ressaltar que, em comum acordo, na proposição de nossa dinâmica, o trabalho iniciado por uma agrupação recebia continuidade pelas mãos dos estudantes da outra. Como resultado, as mulheres escolhidas para cada segmento foi: Dilma Rousseff, Duda Salabert e Bárbara de Alencar (Política); Daiane dos Santos, Formiga e Hortência (Esporte); Marie Curie, Sônia Guimarães e Nise da Silveira (Ciências); Carolina Maria de Jesus, Cecília Meireles e Tarsila do Amaral (Arte/Literatura); Malala Yousafzai, Maria da Penha e Marielle Franco (Direitos Humanos); e Marina Silva, Sônia Guajajara e Graziela Barroso (Preservação Ambiental).

Após essa escolha inicial, as **sexta e sétima semanas** de aula aconteceram no laboratório de informática e, neste espaço, os estudantes puderam utilizar os computadores e a internet para dar sequência e otimizar a elaboração dos questionários. Ao final, as perguntas elaboradas foram divididas em:

1) Perguntas de perfil, em que o participante precisava registrar seu gênero, sua idade, seu nível de escolaridade e sua etnia;

2) Seis questões abertas de conhecimentos gerais, em que pudemos avaliar as referências do público entrevistado sobre as pessoas atuantes nas categorias por nós dadas:

a. Indique 3 pessoas que você considera importante na política nacional ou internacional;

b. Indique 3 pessoas que você admira no esporte;

c. Indique 3 pessoas que você admira na literatura ou nas artes em geral;

d. Indique 3 pessoas que você conhece que lutam pela preservação do meio ambiente;

e. Indique 3 pessoas que você conhece na ciência;

f. Indique 3 pessoas que você admira na luta pelos Direitos Humanos.

3) Seis perguntas fechadas em que o entrevistado precisava indicar, pelas ilustrações, quais das figuras femininas conhecia, entre as escolhidas pelos estudantes para cada categoria:

a. Quais dessas mulheres da literatura/artes você conhece?

b. Quais dessas cientistas você conhece?

c. Quais dessas mulheres da política você conhece?

d. Quais dessas mulheres ativistas pelos direitos humanos você conhece?

e. Quais dessas ambientalistas você conhece?

f. Quais dessas esportistas você conhece?

4) Três perguntas abertas que buscaram fomentar a reflexão nos participantes:

a. Você conhece mais alguma mulher além das que nós citamos? Se sim, qual?

b. Por que você acha que não conhece essas mulheres?

c. Você lembra se teve algum ensino específico sobre mulheres durante os anos

escolares?

Ao todo, o questionário contou com quinze questões, em sua maioria abertas. Posteriormente, foi preciso decidir onde o aplicaríamos e quantos seriam impressos para cada dia da pesquisa de campo. Inicialmente, pensamos em quatro locais distintos para sua aplicação, no intuito de trazer uma diversidade de vozes para o nosso trabalho: a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH/UFMG); a Praça de Serviços; o Instituto de Ciências Exatas (ICEx/UFMG); e o Instituto de Ciências Biológicas (ICB/UFMG). Com os primeiros exemplares em mãos, daríamos início à sua aplicação, na **oitava semana**, especificamente em uma segunda-feira, no prédio da FAFICH. Entretanto, nesse dia, devido a um imprevisto climático, não foi possível sair do CP/UFMG e, assim, optamos por aplicar os questionários com os próprios professores, servidores técnico-administrativos e funcionários terceirizados da escola, sendo possível preencher, ao todo, vinte deles.

Por outro lado, a agrupação de quinta-feira, que antes contava com oito estudantes, recebeu mais cinco alunos, transferidos de outro GTD⁷ que foi cancelado na metade do semestre devido ao desligamento, do PID, da monitora que o ofertava. No entanto, como a Praça de Serviços, destino escolhido para o segundo dia, é relativamente distante do CP/UFMG, decidimos não nos deslocarmos até ela não só em decorrência da chuva persistente, mas também devido à falta de transporte para pessoas com dificuldade de locomoção e/ou deficiência⁸ e da infraestrutura pouco acessível da universidade, que impossibilitou que todos os alunos da turma fossem juntos ao campo de pesquisa inicialmente escolhido. Dessa forma, escolhemos o prédio da Faculdade de Educação (FaE), localizado em frente ao CP/UFMG e com rampas de acesso, pois assim não precisaríamos nos locomover em uma longa distância. Trinta questionários foram impressos para esse segundo dia, todos aplicados com sucesso pelos estudantes, que se divertiram conversando com os entrevistados e puderam exercitar o diálogo com pessoas diferentes. Quando fomos à FaE, os alunos da Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) responderam ao nosso questionário e uma questão pertinente foi colocada em debate por eles: por que no campo de autodeclaração étnico racial não havia a opção *indígena*? Com tal indagação, pudemos perceber que em nosso questionário havia falhas, sendo essa uma delas.

Devido ao pouco tempo que teríamos dentro do calendário escolar e da ampla amostragem já conseguida nas aplicações de questionários feitas no CP/UFMG e na FaE/UFMG, decidimos, na **nona semana**, que apenas mais um local seria visitado pelos estudantes: o ICB/UFMG, onde aplicamos, em uma segunda-feira, outros vinte questionários. Nesse dia, houve dificuldade em conseguir respostas, pois o horário em

⁷ A maioria dos GTDs acontecem em formato de oficina, com duração média de oito aulas e, dessa forma, os estudantes podem participar de dois GTDs, por dia, durante o semestre. Contudo, o segundo módulo do GTD *Mulheres na História* durou todo o segundo semestre de 2024 e por isso não houve permuta de alunos. Com a saída de uma das monitoras da escola, sua turma precisou ser dividida e realocada.

⁸ Com a chegada dos novos alunos, havia entre eles uma estudante que estava com o pé quebrado e um estudante Público Alvo da Educação Especial (PAEE), que necessita de cadeira de rodas para locomoção. Devido a essas questões, escolhemos realizar as entrevistas mais perto da escola para que nenhum deles fosse prejudicado e tivesse sua participação na aula negada.

que chegamos coincidiu com as aulas dos universitários e, também, porque muitos estavam almoçando ou estudando para as avaliações de seus cursos.⁹

Terminadas as entrevistas, reunimos todas as respostas dos questionários para a tabulação de dados, que durou, ao todo, três aulas, englobando o **final da nona semana e a décima semana**. Para tanto, utilizamos tabelas no Excel para uma melhor visualização e contagem. Os estudantes, ainda que tenham apresentado certa dificuldade inicial com o manejo da ferramenta, em pouco tempo conseguiram se adaptar e usá-la corretamente. Ao optarmos pela utilização, no questionário, de imagens ao invés dos nomes das mulheres escolhidas, percebemos que essa foi uma estratégia fundamental para o resultado que tivemos, como observaremos adiante.

ANÁLISE PARCIAL DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Como mencionado anteriormente, 70 questionários foram aplicados nos três dias de pesquisa. Devido ao grande número de respostas e ao espaço deste artigo, analisaremos parcialmente os dados colhidos, destacando as perguntas fechadas e o (não) reconhecimento, por parte do público entrevistado, das fotografias apresentadas. Com relação ao primeiro gráfico (Figura 1), referente ao reconhecimento das fotos de mulheres cientistas, se pode observar, no geral, que Marie Curie foi a mais reconhecida, ainda que, no ICB/UFMG, a metade dos entrevistados não tenha conseguido identificá-la. Por outro lado, as brasileiras Sônia Guimarães e Nise da Silveira foram menos identificadas nos três locais onde aplicamos o questionário. Cabe ressaltar que quase nenhum entrevistado do CP/UFMG reconheceu Guimarães, enquanto nenhum entrevistado da mesma instituição soube de quem era a foto de Silveira.

⁹ As situações vivenciadas ao longo da aplicação do questionário evidenciam a importância em saber lidar com imprevistos comuns à sala de aula.

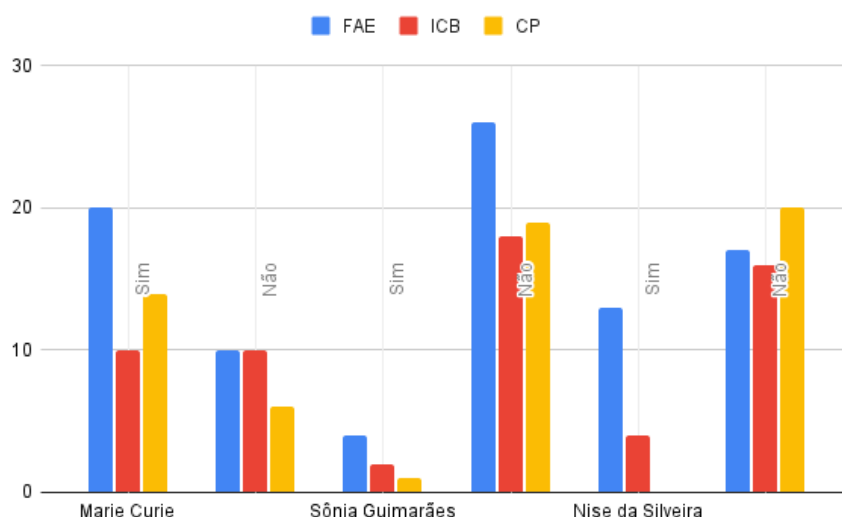


Figura 1: Gráfico sobre o reconhecimento das fotos de mulheres na Ciência.

Fonte: Acervo pessoal dos autores

No que tange ao (não) reconhecimento das mulheres que atuam na área dos Direitos Humanos (Figura 2), observa-se que a paquistanesa Malala Yousafzai e a brasileira Marielle Franco foram as mais reconhecidas entre os entrevistados. A brasileira Maria da Penha Maia Fernandes, por sua vez, não teve o mesmo reconhecimento, uma vez que apenas metade dos participantes da FAFICH/UFMG e menos da metade entre os adultos que responderam às perguntas no CP/UFMG e ICB/UFMG souberam identificá-la.

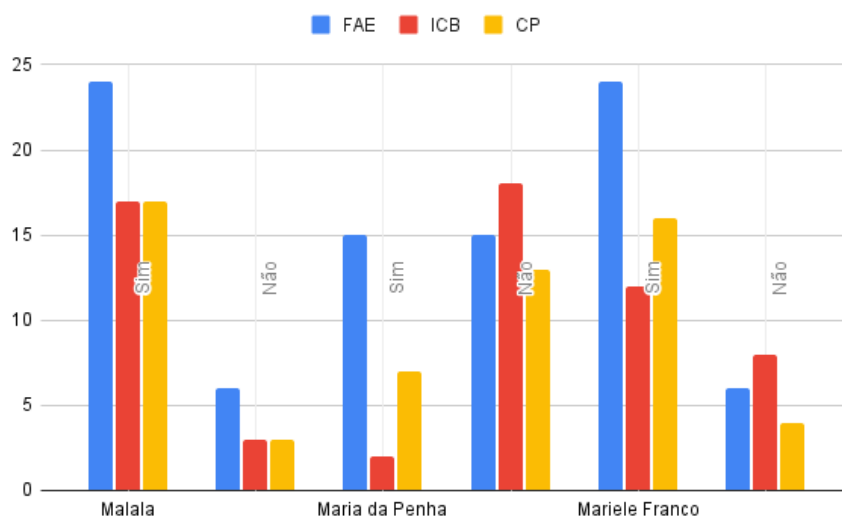


Figura 2: Gráfico sobre o reconhecimento das fotos de mulheres nos Direitos Humanos.

Fonte: Acervo pessoal dos autores

Porém, não se pode afirmar que o desconhecimento das imagens ocorreu em todas as perguntas. As sessões Política (Figura 3) e Esportes (Figura 4) tiveram majoritariamente respostas positivas, demonstrando a grande visibilidade das mulheres que se envolvem em campos de atuação que parecem estar mais presentes na mídia cotidiana. Desse modo, é possível pensar que os assuntos com mais destaque midiático,

como política e esporte, são, consequentemente, de maior conhecimento por parte dos entrevistados. Ainda assim, a partir dos próximos dois gráficos, se poderá observar que mulheres com destaques recentes como Duda Salabert, Dilma Rousseff e Daiane dos Santos foram majoritariamente reconhecidas, enquanto outras, como Bárbara de Alencar, de suma importância para a política nacional no contexto da Independência do Brasil, e as atletas Hortência e Formiga, não foram tão identificadas pelos entrevistados. Esse não reconhecimento pode estar associado, no caso de Alencar, à forma como a Independência de nosso país é estudada durante o ensino básico, destacando apenas os feitos dos homens que governavam o país, enquanto no caso das jogadoras, à uma espécie de não valorização de esportistas femininas que atuam em modalidades dominadas majoritariamente por homens.

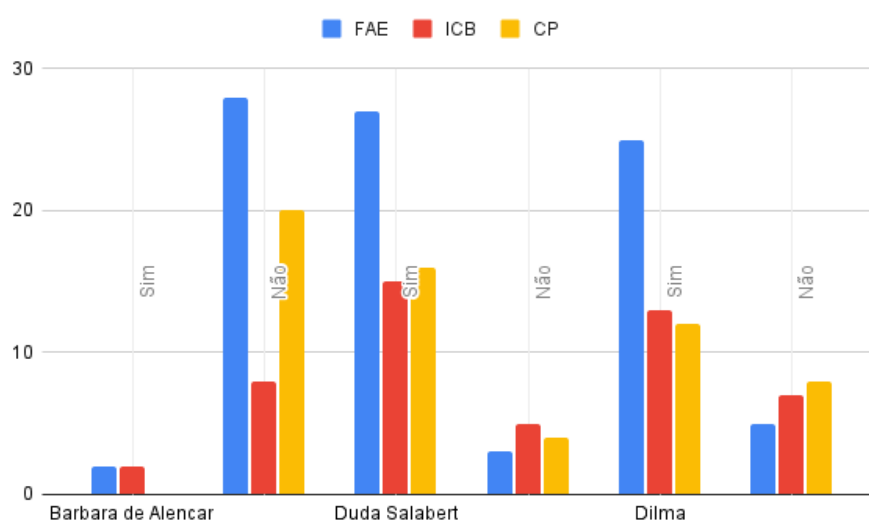


Figura 3: Gráfico sobre o reconhecimento das fotos de mulheres na Política.

Fonte: Acervo pessoal dos autores

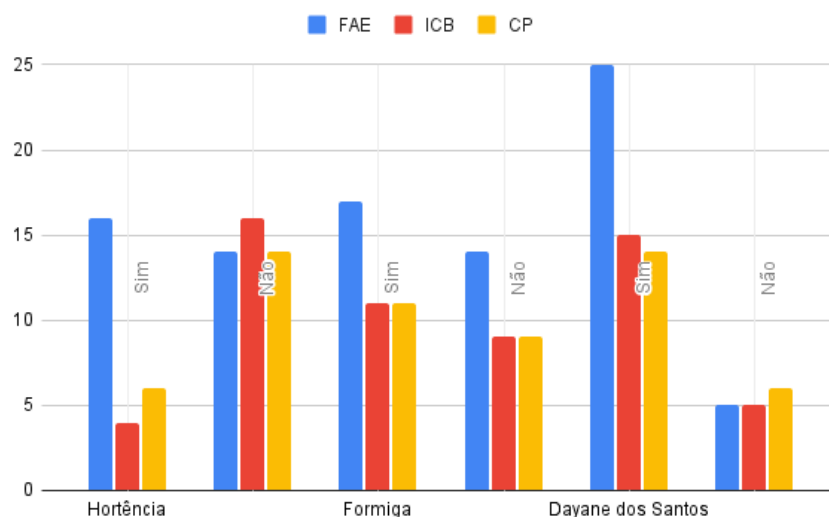


Figura 4: Gráfico sobre o reconhecimento das fotos de mulheres no Esporte.

Fonte: Acervo pessoal dos autores

As tabelas de Excel que serviram de base para a produção dos gráficos também

foram construídas pelos estudantes. Apesar da divisão em seções do questionário, não foi possível realizar a produção dos seis gráficos esperados, equivalentes às seis categorias de reconhecimento das mulheres, devido ao processo de adaptação dos alunos ao *software* da plataforma Excel. Alguns dados da divisão Artes/Literatura e Meio Ambiente foram perdidos pelo corpo discente durante a tabulação. Nesse caso, é possível refletir sobre esse lugar da prática em sala de aula, em que os processos de ensino-aprendizagem nunca são perfeitos ou não ocorrem como o esperado, o que se relaciona, também, diretamente com a afirmação de Seffner (2010) sobre os imprevistos dentro de sala de aula.

A partir da análise dos gráficos aqui colocados, se pode concluir que grande parte dos entrevistados não reconheceram as fotos das mulheres que lhes foram apresentadas, fato que escancara a pouca divulgação de personalidades femininas que são de grande relevância para a sociedade como um todo. Mesmo a nossa pesquisa tendo sido aplicada dentro da universidade, ambiente em que a divulgação dos trabalhos dessas mulheres têm mais destaque, os dados obtidos apontam para uma desinformação a respeito dessas figuras. Em certa medida, pode-se culpar o Estado por tal desconhecimento, já que os estudos sobre as mulheres e sua História é recente, principalmente nas escolas. No entanto, deve-se apontar, concomitantemente, para a responsabilidade individual no que tange ao reconhecimento e valorização das mulheres nas diferentes esferas, uma vez que, hoje em dia, com a facilidade de acesso à informação, a maioria das pessoas pode procurar se informar, por meio de fontes confiáveis, a respeito daquilo que desconhece.

APRESENTAÇÃO NO SEMINÁRIO NEPSO

Para nossa apresentação no Seminário NEPSO, ocorrida em 03 de dezembro de 2024, na FaE/UFMG, além dos gráficos e resultados obtidos, decidimos colocar nuvens de palavras, destacando os nomes das mulheres que mais foram citadas nas respostas das perguntas abertas. A iniciativa foi exitosa, já que possibilitou uma melhor visualização das respostas que obtivemos e apresentou um recurso alternativo para a divulgação de dados de censos e outras pesquisas. A título de ilustração, segue abaixo um exemplo de uma das nuvens de palavras utilizadas na apresentação no seminário:



Figura 5: Nuvem de palavras com os nomes das mulheres mais citadas para a pergunta “Indique 3 pessoas que você considera importante na política nacional ou internacional”.

Fonte: Acervo pessoal dos autores

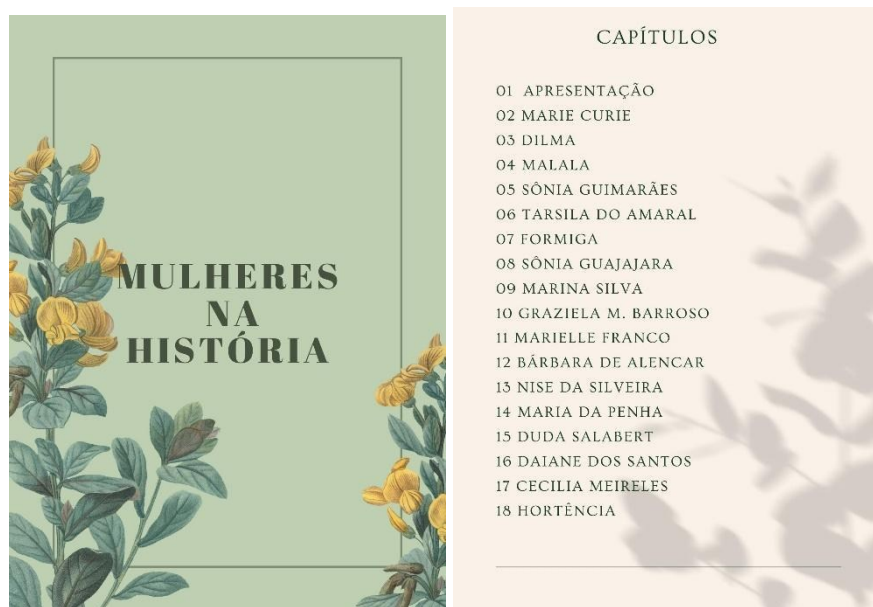


Figura 6: Registro fotográfico da apresentação no Seminário NEPSO, em dezembro de 2024.

Fonte: Acervo pessoal dos autores

Por fim, a produção do livreto digital sobre mulheres na história, última parte de nossa disciplina, ocorreu **na décima primeira, décima segunda e décima terceira semanas** de aula, ficando totalmente a cargo dos estudantes, uma vez que cada um deles esteve responsável por produzir uma pequena biografia de uma das figuras femininas presente em nosso questionário. Foram três semanas em que, uma vez mais, no laboratório de informática, pesquisamos em detalhes a vida, a obra e a importância de cada uma dessas mulheres, montando seus textos biográficos. As referências utilizadas foram várias, como revistas digitais, sites e livros de biografias, todos supervisionados e aprovados pela professora em formação inicial. Importante ressaltar que, no segundo dia de laboratório, tivemos uma conversa sobre curiosidades da vida de algumas das mulheres do livreto. Uma delas foi sobre a prisão de Dilma Rousseff durante a ditadura militar

brasileira, fato que moldou completamente a personalidade combativa da ex-presidente, mas que nem todas as pessoas conheciam. Outro ponto que também espantou os estudantes é que, ainda hoje, o corpo de Marie Curie emana radiação, mesmo após 90 anos da data de sua morte. Ao final da produção, cada página ficou personalizada com a identidade do estudante e o livreto ainda será divulgado no site da escola, para toda a universidade.



Figuras 7 e 8: Capa e sumário do livreto digital “Mulheres na História”, produzido pelos estudantes que cursaram a disciplina.

Fonte: Acervo pessoal dos autores

Por fim, na **décima quarta** semana, finalizamos o segundo módulo do GTD *Mulheres na História* com uma confraternização em que trocamos chocolates e comemoramos o final do semestre com os alunos. Aproveitamos, também, para realizar uma auto avaliação com o alunado e pedir que eles avaliassem o andamento da disciplina, coisas importantes para a formação discente e docente, seja ela inicial ou continuada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar diversos acontecimentos da história mundial e perceber o lugar coadjuvante atribuído às mulheres pela historiografia e perpetuado pela sociedade é refletir sobre o porquê de tantos apagamentos de figuras femininas, colocadas em segundo plano ainda que sua participação em determinados eventos tenha sido decisiva. Pensar novas metodologias para analisar esse apagamento com os estudantes é de suma importância para que uma nova história seja discutida e contada nas escolas. Essas reflexões, em conjunto com a experiência bem-sucedida do primeiro módulo do GTD *Mulheres na História* e com as observações de uma graduanda em História acerca dos estudantes do ensino fundamental por elas acompanhados, os quais reproduzem falas e atitudes machistas e misóginas, demonstrando, também, grande desconhecimento a respeito da importância dos papéis das mulheres na história mundial, fizeram surgir o segundo

módulo do GTD *Mulheres na História*.

O NEPSO nos fez perceber que a maior causa da desinformação a respeito das ações pensadas e concretizadas por mulheres é a falta de espaço no modelo de educação que construímos hoje. Muito mais que um apêndice no livro didático ou uma “curiosidade histórica”, é necessário colocá-las no centro da narrativa que ainda hoje é permeada pela lembrança de inúmeros heróis e algumas heroínas. Refletir sobre o desconhecimento de importantes figuras femininas pela sociedade, com a pesquisa de campo, ajudou os estudantes a perceberem o quanto a escola possui um papel indispensável na divulgação da participação que as mulheres tiveram e continuam tendo no mundo em que vivemos. Por fim, a análise parcial dos números da pesquisa mostra que, para um conhecimento mais amplo sobre as mulheres, é preciso que o currículo escolar seja transformado levando-se em conta que uma sociedade não é construída apenas por homens.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

NEPSO. Programa NEPSO. Disponível em: <http://www.nepso.net/>. Acesso em: 23 mar 2025

SEFFNER, Fernando. Saberes da docência, saberes da disciplina e muitos imprevistos: atravessamentos no território do Ensino de História. In: BARROSO, V.L.M; PEREIRA, N; BERGAMASCHI, M.S. (Org.) **Ensino de História. Desafios Contemporâneos**. Porto Alegre, EST, 2010. p. 213-229.